

Jovem Guarda e Música Brega: as brechas na “indústria cultural”

*Adriana Mattos de Oliveira**

Resumo: Este trabalho objetiva buscar alguns entrelaçamentos existentes entre o movimento da *Jovem Guarda* e a “música brega”, para isso será utilizado o conceito de Theodor Adorno e Max Horkheimer de *indústria cultural*, bem como *materialismo cultural de Raymond Williams* e as formulações de Jesús Martin-Barbero acerca da produção da indústria cultural e sua recepção.

Palavras-chave: *indústria cultural*; Jovem Guarda; música brega.

Abstract: *The aim of this work is make relations between the musical moviment “Jovem Guarda” and the popular romantic music (“música brega”). The study support the analisys on the concept Culture Industry, coined by Theodor Adorno and Max Hokheimer, as well as the ideas of Raymond Williams about the Culture Industry, moreover the contribution of Jesús Martin-Barbero with your comments production and the reception of such Industry.*

Keywords: *culture industry; Jovem Guarda; popular romantic music (“música brega”).*

A poderosa *indústria cultural* e suas diferentes recepções

Este trabalho tem como objetivo perceber entrelaçamentos, semelhanças e continuidades existentes entre o movimento da *Jovem Guarda* e a “música brega”. Para analisar a disseminação e recepção dessas músicas, utilizo o conceito de *indústria cultural*, termo utilizado pela primeira vez por Theodor Adorno e Max Horkheimer em 1947 em contraponto à expressão cultura de massas, já que, segundo os autores, este último passa a idéia de uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas. Porém, dentro da lógica atual do capital, em que a cultura virou uma mercadoria, o consumidor não é o sujeito que a *indústria cultural* o faz acreditar ser, mas sim o objeto dessa indústria¹.

Assim para Adorno e Horkheimer a *indústria cultural*, através de seus produtos, transmite-nos uma ideologia de conformação aos interesses dos mais poderosos. Cria nas pessoas a falsa sensação de que o mundo está em ordem, impede a formação de indivíduos autônomos e independentes, tolhendo a sua consciência. Desse modo, vemo-nos diante de um quadro de extremo pessimismo cultural, no qual o expectador assume uma posição de total passividade, sendo a *indústria cultural* responsável por criar uma cultura alienada, conformista e sem espaço para a resistência das massas aos seus produtos.

Buscando saídas para essa visão adorniana de total passividade das massas, tentaremos conciliar a radicalidade crítica do conceito de *indústria cultural* com a perspectiva marxista, imprescindivelmente comprometida com uma práxis voltada para a superação histórica do capitalismo e, portanto, do *status quo*. Para isso, serão de grande valia as formulações de Raymond Williams acerca do *materialismo cultural*, em que o autor busca uma unidade qualitativa entre as instâncias política, econômica e cultural no mundo contemporâneo.

Através dessas proposições deriva-se uma idéia de cultura como um campo de lutas e disputas por significados e sentidos. Apesar dessa luta ser travada em uma sociedade de classes, na qual as forças são desiguais, ela pode ser vista como uma saída para a superação de uma visão catastrófica que não prevê mediações entre as intenções dos comandantes da poderosa *indústria cultural* e as apropriações realizadas pelos seus consumidores.

* Graduanda em História na Universidade Federal Fluminense.

¹ Theodor Adorno alerta para o fato de que não se deve tomar o termo *indústria* literalmente, pois este, diz respeito à estandardização da própria coisa e à racionalização das técnicas de distribuição, não se referindo, estritamente, ao processo de produção.

Neste sentido, podemos recorrer á grande contribuição trazida por Jesús Martín-Barbero na obra *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (MARTÍN-BARBERO, 2006), na qual o autor faz um estudo não só da produção realizada pela *indústria cultural*, mas também de suas mediações e recepções efetuadas pelas massas. Desse modo, as massas deixam a sua posição de exclusiva passividade e passam a ser vistas como sujeitos desse processo. Agora não existe apenas a produção e o consumo, há também um outro fator: a recepção.

A Música Brega e a *Jovem Guarda*

A denominação “música brega” é utilizada por muitos para designar um tipo de música romântica de forte apelo sentimental e de difícil classificação, uma vez que não há um ritmo musical propriamente brega: pode ser um bolero, uma balada, um samba etc, sendo na maioria das vezes produzida e consumida pelas classes populares e possuindo altos índices de vendagem de discos.

Segundo o historiador Paulo César Araújo em seu livro *Eu não sou cachorro não* (ARAÚJO, 2005), o termo “brega” começou a ser divulgado na imprensa a partir da década de 1980 para designar pejorativamente a música considerada cafona, cujos artistas na maioria das vezes começaram a fazer sucesso na esteira da *Jovem Guarda*. Seus artistas seriam uma aposta da indústria fonográfica no período em que o cenário político brasileiro foi marcado pela instauração de uma Ditadura Militar que engendrou a seus opositores forte censura, perseguição e torturas, chegando ao extremo no ano de 1968 com a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) que intensificou a censura e perseguição aos cantores mais engajados na crítica ao Regime. Tanto os cantores pertencentes a *Jovem Guarda* quanto os da “música brega” foram acusados pelos críticos e artistas mais engajados da época de alienados.

A expressão *Jovem Guarda* se refere a um programa televisivo exibido pela Rede Record entre os anos de 1965 e 1968, apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. Marcelo Fróes no livro *Jovem Guarda em Ritmo de Aventura* (FRÓES, 2000) defende a idéia de que a *Jovem Guarda* foi mais do que um simples programa de televisão: foi um “momento” musical brasileiro, uma de nossas mais férteis vertentes musicais nos anos 1960.

Suas influências no cotidiano dos jovens brasileiros desse período podem ser ilustrativas da forte influência e poder da mídia televisiva. A divulgação de estilos de vida – maneiras de se vestir, falar, pensar e agir – através da *indústria cultural* ganha força a partir da introdução e expansão da televisão, que chega ao Brasil na década de 1950, expandido-se verdadeiramente na década seguinte, coincidindo com o período do surgimento do movimento da *Jovem Guarda*, que contou com ampla divulgação através de programas de rádio. Simultaneamente a televisão trouxe para perto do público a imagem de seus ídolos, mostrando suas roupas, corte de cabelo e maneiras de se comportar, influenciando grande parte da juventude brasileira da década de 1960.

Ainda que tenha existido por um período oficialmente curto - entre 1965 e 1968 -, a *Jovem Guarda* semeou uma infinidade de talentos nas diversas tendências que posteriormente surgiriam em nossa cena musical - dentre elas a nossa música popular romântica, ou “música brega”. É interessante notar ainda que vários cantores atualmente considerados bregas tiveram algum tipo de diálogo com a *Jovem Guarda* - como é o caso, por exemplo, do cantor Agnaldo Timóteo, que em 1967 recebeu de presente do principal ícone da *Jovem Guarda*, Roberto Carlos, a canção *Meu Grito*, o que ajudou a consagrá-lo em todo o território nacional; o cantor Reginaldo Rossi foi líder dos The Silver Jets, chegando a participar de alguns programas da *Jovem Guarda*, antes de seguir carreira solo e se auto intitular de Rei do Brega; a cantora Kátia teve Roberto Carlos como seu padrinho artístico.

Ocorre por vezes juntarem-se em um mesmo grupo classificatório cantores pertencentes à *Jovem Guarda* e cantores considerados pela crítica - e algumas vezes auto-intitulados - bregas. É o caso do que ocorre no depoimento que José Aberlardo Barbosa² – mais conhecido como Chacrinha – concedeu ao Museu da Imagem e do Som (MIS) em 1972³. Neste depoimento, Chacrinha cita algumas vezes os cantores Jerry Adriani e Wanderley Cardoso – dois grandes nomes da *Jovem Guarda*, que chegaram até a comandar um programa semelhante e concorrente ao *Jovem Guarda*: o *Excelsior a Go Go*, na TV Excelsior⁴ ao lado de Waldick Soriano, Nelson Ned, Antônio Marcos e Cláudia Barroso.

² José Abelardo Barbosa de Medeiros foi um grande comunicador de rádio e um dos maiores nomes da televisão brasileira, como apresentador de programas de auditório, que fizeram enorme sucesso dos anos 1950 aos 80.

³ Este depoimento foi concedido ao MIS em 19/09/1972 e contabiliza um total de 05 fitas K-7 que estão disponíveis à consulta no Museu.

⁴ O *Excelsior a Go Go* iniciou-se sob o comando de Wanderley Cardoso que, em consequência de seu excesso de compromissos, teve que ser substituído por Jerry Adriani.

Brechas na indústria cultural

Apesar da música produzida pela *Jovem Guarda* e da “música brega” serem vistas por muitos como uma aposta da indústria fonográfica em um momento em que os cantores da MPB estavam sendo duramente perseguidos pelo Regime Militar, esta seria uma conclusão extremamente simplista para analisar os motivos do enorme sucesso que obtiveram e ainda obtêm junto a uma enorme parcela da população brasileira. Cairíamos assim em um pessimismo cultural do qual não há saída, já que a poderosa *indústria cultural* criaria sozinha seus próprios ídolos – produtos – e nós – o público – seríamos meros consumidores sem nenhuma autonomia de escolha.

O aparente convívio harmônico destes artistas com o Regime Militar (1964-1985) não significa necessariamente que compactuassem com o Regime. Grande parte destes artistas pertenciam às camadas populares e não haviam freqüentado os meios universitários, onde havia um intenso debate político – como ocorreu com grande parte dos artistas pertencentes a MPB. Além disso, tinham que trabalhar pelo seu sustento e muitas vezes o de sua família, dedicando suas vidas à busca de ascensão social e melhoria de sua qualidade material de vida.

O enorme sucesso alcançado por ambos – *Jovem Guarda* e “música brega” – talvez não tenha sido e seja somente uma vontade da *indústria cultural*, mas também um espaço conseguido por artistas oriundos das classes menos favorecidas para expressarem seus sentimentos, gostos e desejos. Além disso, seu sucesso pode ser visto não apenas como mera consequência dos esforços da *indústria cultural* em vender seus produtos, mas pode ser visto também como uma resposta desse mesmo “povo massa” em meio do qual estes artistas saíram. Ou seja, estas músicas são consumidas e apreciadas pois o “povo massa” se identifica com os episódios que são relatos e cantados nas músicas de seus ídolos.

Talvez exatamente por isso tenham sido e sejam tão duramente criticados: o “povo massa” consegue um espaço na poderosa *indústria cultural* para se expressar. Obviamente, não devemos ser ingênuos de acreditar que esse espaço seja livre e democrático. É claro que para serem incorporados à *indústria cultural* ocorre uma certa adequação destes mesmos artistas, porém o espaço por eles conquistado pode também indicar um caminho em meio ao pessimismo cultural: o “povo massa” não apenas consome o que a *industria cultural* a ele impõe, ele também utiliza esta mesma indústria para expressar a sua realidade – a qual nem sempre é a realidade que seus ardorosos críticos gostariam que fosse revelada.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGUILLAR, Antônio, AGUILLAR, Débora e RIBEIRO, Paulo César Ribeiro. *Histórias da Jovem Guarda*. São Paulo: Globo, 2005.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Eu não sou cachorro não*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FAOUR, Rodrigo. *História Sexual da MPB: A evolução do amor e do sexo na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FONTANELLA, Fernando Israel. *A Estética do Brega: Cultura de Consumo e o Corpo nas Periferias do Recife*. Recife: dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

FRÓES, Marcelo. *Jovem Guarda em Ritmo de Aventura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LEITE, Ivana Arruda. *Eu te darei o céu e outras promessas dos anos 60*. São Paulo, Editora 34, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

PUGIALLI, Ricardo. *Almanaque da Jovem Guarda*. São Paulo: Ediouro, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

_____ *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

